

:BLOCO DE NOTAS Alexandra Prado Coelho**■ O MUNDO SEGUNDO RICE**

Condoleezza Rice acaba de completar uma mudança geoestratégica radical na política externa dos Estados Unidos, explica Michael A. Weinstein num relatório do Power and Interest News Report (PINR). Com dois discursos, a 18 e 19 de Janeiro, a secretária de Estado norte-americana deixou para trás o cenário traçado no início do primeiro mandato do Presidente Bush pelos neoconservadores e, segundo Weinstein, avançou para uma visão multipolar do mundo. Esta nova perspectiva – ditada em grande parte pelos falhanços da intervenção



no Iraque – implica o reconhecimento das limitações dos EUA. Rice disse que «os Estados estão cada vez mais a competir e a cooperar na paz, e não a preparar-se para a guerra» e enumerou as nações emergentes «que estão cada vez mais a moldar o curso da História»: Índia, China, Brasil, Egito, Indonésia, África do Sul. Esta nova visão do mundo é acompanhada por um reposicionamento dos recursos diplomáticos norte-americanos, anunciado por Rice no dia 18. No centro desta estratégia está o conceito de «diplomacia transformacional», em que as mudanças de regime são incentivadas por uma via *soft* e já não por intervenções militares como no Iraque.

■ AS PRIORIDADES DA CHINA

Só entendendo quais são as prioridades da China em relação à Coreia do Norte é que é possível, para a comunidade internacional, tirar partido da influência que Pequim tem sobre Pyongyang – e que é «maior do que está disposta a admitir, mas menor do que os que estão de fora pensam». O aviso é feito pelo International Crisis Group, num relatório intitulado «China and North Korea: Comrades Forever?». De acordo com os autores, as prioridades da China são 1) evitar os custos económicos de uma explosão na Península Coreana; 2) evitar que os EUA dominem uma Coreia unificada; 3) assegurar a estabilidade das suas três províncias do Leste, eco-



nomicamente fracas, incorporando a Coreia nos seus planos de desenvolvimento; 4) reduzir o peso financeiro da relação bilateral substituindo a ajuda por crédito e investimento; 5) conquistar crédito internamente, na região e junto dos EUA pelo seu envolvimento nos esforços de desnuclearização; 6) apoiar o *status quo* de duas Coreias enquanto conseguir manter a sua influência sobre ambas; 7) evitar uma situação em que uma Coreia do Norte nuclear leve o Japão e/ou Taiwan a tornarem-se potências nucleares. Os cerca de dois mil milhões de dólares anuais de comércio bilateral e investimento da China com a Coreia do Norte «são ainda a forma mais visível de pressão para pôr fim ao impasse e fazer acelerar as negociações nucleares», defende o ICG.

■ CONSELHOS A ZAPATERO

A *Foreign Policy*, na sua versão espanhola, publica a visão de três analistas – o britânico Shaun Riordan, o francês Dominique Moisi, e o alemão Leo Wieland – sobre os dois primeiros anos da política externa do Governo espanhol de Jose Luís Zapatero. O balanço não é demasiado eufórico. A retirada das tropas espanholas do Iraque – a primeira e muito simbólica medida tomada por Zapatero – é considerada precipitada por ter afectado as relações com os EUA e resultado de inexperiência política. Referida



também é a política europeia de Espanha e nesse campo Riordan aconselha Zapatero a não colar demasiado a sua posição à da França para não correr o risco de «ficar num grupo de velhos lutando uma batalha que, a médio prazo, está condenada». Moisi deixa outro conselho: Zapatero devia emergir como um factor ousado mas responsável, com uma nova política externa, na América Latina, numa altura em que esta «volta a ser objecto de interesse e preocupação».

■ DIVISÕES NO IRÃO

Kaveh L. Afrasiabi, autor de *After Khomeini: New Directions in Iran's Foreign Policy*, interroga-se no AsiaTimes Online sobre se a Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) estará a tornar-se um fantoche dos Estados Unidos no que diz respeito à questão nuclear iraniana. Afrasiabi põe em causa artigos recentemente publicados no *New York Times*, referindo a AIEA, que teria «pela primeira vez fornecido provas sugerindo directamente que pelo menos algumas das actividades do Irão apontam para um projecto militar». O *timing* destas conclusões «não podia ter sido mais ideal para as forças anti-Irão na AIEA», escreve Afrasiabi, que refere outro ponto do artigo segundo o qual a agência da ONU teria descoberto, «com a 'ajuda parcial' dos serviços secretos americanos



uma entidade secreta iraniana a trabalhar no processamento de urânio, explosivos e na concepção de uma ogiva de míssil». O autor questiona toda a colaboração americana e a suposta descoberta de um computador com informações que comprometeriam o Irão. Mas o texto do AsiaTimes refere também a situação interna no Irão e confirma a existência de divisões no regime entre o ex-Presidente (e ainda um dos homens fortes da República Islâmica) Ali Akbar Rafsanjani, e o recém-eleito Ahmadinejad. Segundo Afrasiabi, Rafsanjani terá ido à cidade sagrada de Qom e falado em «crise», depois de Ahmadinejad (em relação ao qual o autor do texto é muito crítico) ter negado a existência de uma crise em torno da questão nuclear.